

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ISSO NÃO É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:
PSICANÁLISE E MAQUINÁRIO, UMA QUASE-ARTE PORQUE UTOPIA**

Luiz Henrique Graff

Orientadora Prof^a Dr^a Simone Zanon Moschen

PORTO ALEGRE

2014

LUIZ HENRIQUE GRAFF

**ISSO NÃO É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:
PSICANÁLISE E MAQUINÁRIO, UMA QUASE-ARTE PORQUE UTOPIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Simone Zanon Moschen

PORTO ALEGRE

2014

Dedico

*Àqueles que, apesar das inexoráveis esteiras da máquina,
Criaram comigo fortes pontes de aço
Cujos tempos não conseguem derrubar.
Mas, principalmente àqueles que
Comigo criaram frágeis pontes de madeira,
Pontes maleáveis
Potencialmente frágeis
Requisitando eterno cuidado e carinho,
Não permitindo nunca que o tempo da máquina
Me afaste destes que
Tenho o prazer de chamar genuinamente de
Amigos.*

Agradeco

*A meus pais,
Íris de Castro Graff e Gilberto Graff
Que me sustentaram fisicamente em meus primeiros passos,
Financeiramente durante o percurso acadêmico
E emocionalmente pela eternidade.*

*A meus mestres,
Edson de Sousa, que foi um farol
no qual eu sempre pude me guiar durante esses cinco;*

*E Simone Moschen,
Que me encontrou próximo ao final do percurso,
E com suas palavras, gentis, fortes e precisas,
Me guiou pela mão.*

*E a minha irmã,
Minha igual e contraparte,
Scheila Graff,
Que ao me trazer comida de Estrela,
Sempre foi essa ponte de madeira
A me manter próximo de minha família
E dividir os momentos banais e mais importantes da vida.*

Obrigado!

*Que imagens podem nos fazer parar?
Que imagens podem restituir minimamente a inexatidão do viver?*

Edson de Sousa

GRAFF, Luiz Henrique. **Isso não é um trabalho de conclusão de curso: Psicanálise e Maquinário, uma quase-arte porque utopia.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto alegre, 2014.

ISSO NÃO É UM RESUMO

Braços robóticos alocam com impar precisão tubos de vidro aos pares. São máquinas em seu ritmo cadenciado e perfeito. Pás e lança-chamas, criaturas de metal condenadas à repetição até o fim de seus tempos – perfeitas em seus designs, em seus desígnios, para seu fardo eterno. Nada desliza dali, pois há perfeição. Movimentos perfeitos retêm o potencial humano de evoluir na falha, no descompasso, no silêncio do arrítmico. Apenas sons aleatórios, construídos pela seqüência inabalável das máquinas. Mas, aos ouvidos humanos dispostos a ouvir, uma espécie de cadência parece se formar; pelo tempo sons desconexos vão se tornando música. Talvez nem tudo esteja mecanizado ainda, talvez ainda haja esperança, talvez seja necessária ferrugem. Ferrugem que possa produzir um colapso na maquinaria: utopia. Em tempos onde a técnica elimina a decisão, encontramos o declínio do espírito utópico. A maquinaria nunca pára, seus ruídos tornam-nos surdos. Assim, esse trabalho se propõe exatamente ao resgate desta escuta perdida. A utopia, neste discurso pejorativo em que tomada atualmente, enquadrada na lógica do impossível, da ilusão é aqui resgatada com linguagem – uma posição crítica, uma estratégia discursiva operando possibilidades de novos espaços entre as correntes dentadas imponentes do maquinal. Com as imagens recolhidas da bela obra criada pela artista chinesa Cao Fei, apresentada na 9º Bienal no MERCOSUL, intitulada “WHOSE UTOPIAS” (Utopias de Quem), um filme realizado em conjunto com empregados da OSRAM China Lightning Ltd., pretende-se tomar a arte como ferramenta de reflexão. Um breve suspiro no tempo infinito da continuidade da máquina. Um estudo então da dimensão política sempre latente na arte a espera daqueles que se ponham a nela mergulhar e dela deixar emergir a ferrugem necessária a capacidade humana de parar as engrenagens sociais opressoras. Afinal, assim como sugere o título da obra, que possamos questionar de quem seriam as utopias que buscamos. E que essa questão, esse vislumbre do mínimo, da poeira que as engrenagens permitam juntar tragam um pouco de escuridão a uma fábrica de lâmpadas, diminuindo o brilho do ritmo frenético e incessante da máquina, para que esta não aniquile nossos sujeitos, os mimetizando nela própria. Aqui uma leitura das estratégias daqueles que ainda são sujeitos e que se permitam, nessa dimensão utópica, afirmar que “nosso futuro não é apenas um sonho”.

MÁQUINA DESMONTADA

PEÇA 1 – O Olho (ou Sobre um percurso em psicanálise)

Magritte e meu paciente	8
EXPLANAÇÕES IMPRECISAS, EXPLANAÇÕES NÃO-PRECISAS	9

PEÇA 2 – O Buraco da Fechadura (ou Sobre a potência da arte)

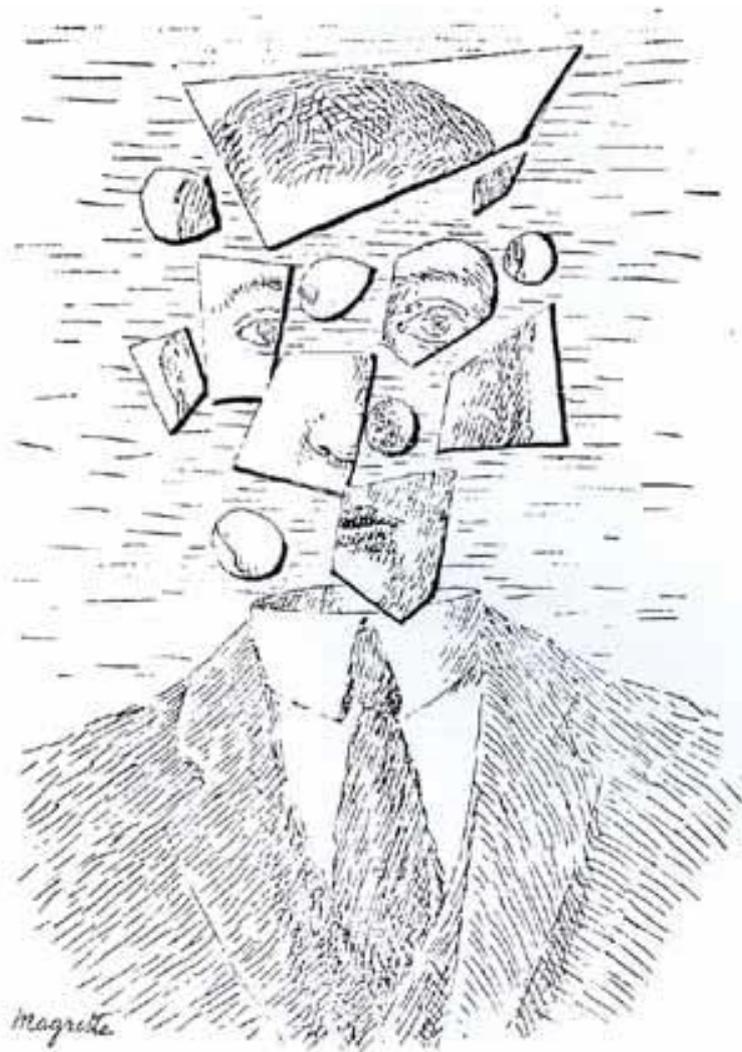
Angelus Novus de Paul Klee	17
O MÉTODO EM CENA E A ARTE COMO TEMPO DE RESPIRO E REFLEXÃO	18
A máquina invisibiliza o processo... ..	18
Uma pichação na parede	21
...e a arte visibiliza a máquina	22

PEÇA 3 – O que há do outro lado (ou Sobre uma forma possível de ler a arte)

WHOSE UTOPIA: UMA LEITURA (ou Isso não é a obra de arte de Cao Fei)	26
COLISÃO (ou Sobre o meu desencontro com Utopias de Quem)	30
Isso não é um trabalho de conclusão de curso	33
O que resta dos dedos de meu tio?	37
A psicanálise da arte, a arte da psicanálise – uma luz, uma escuridão	38
Um anjo... ..	39
...que sonha	40
O corpo que decide parar	40

PEÇA 4 – Velas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
----------------------------------	----



“É como se eu tivesse minha vida despedaçada em caquinhos... Quando tu pergunta, às vezes eu sei a resposta, às vezes não... Às vezes as peças encaixam, às vezes não... Quem quebrou? Acho que eu... De propósito e também sem querer...”

Paciente que atendi em psicoterapia, 2014

EXPLANAÇÕES IMPRECISAS, EXPLANAÇÕES NÃO-PRECISAS

A psicanálise desmonta por que questiona. Questiona por que desmonta. Espedaça. A psicanálise é uma arte que sem pressa, impressa. É de um outro tempo, tempo outro, em todos os sentidos do termo. Permite os intervalos, observar os espaços em branco entre as palavras, ali onde pulsa o sujeito.

Ao completar um percurso, meu percurso, de graduação em psicologia, questiono o que é o então nomeado Trabalho de Conclusão de Curso. Que conclusão é possível em uma jornada que encerra um capítulo, mas cujo título não poderia ser mais do que “prólogo”? Um espaço se abre aí, lacuna, tempo de inquietação, talvez por que algo venha a se acomodar enfim nessas areias em constante movimento no fundo do aquário que sou. E aqui, de alguma forma, preciso nomear isso. Tal é a função desse Trabalho de Conclusão de Curso para mim.

As palavras que acompanham a ilustração de Magritte (publicada em Isso não é um cachimbo de FOUCAULT) ditas por um paciente que atendi na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS durante minha formação são como brasa perpétua a queimar e assim marcar meu percurso. Uma fala angustiada de um paciente ao fim de uma sessão. Angústia dele, angústia minha. Mas várias formas de interpretar esse dito – há ruína e há potência. Há potência na ruína. Alguém capaz de olhar para os “caquinhos” de sua vida e tentar recompô-la.

As peças da gravura de Magritte sequer parecem passíveis de encaixar tal qual quebra-cabeça – parecem lançar uma pergunta, perguntam se esse encaixe existe. A psicanálise não nos ensina que todo eu porta muito de um ficcional? Falamos de peças que muitas vezes forçamos um encaixe para continuar vivendo, continuar movendo, apesar da angústia de sabermos no nosso íntimo que as peças não encaixam em um perfeitamente. A bem da verdade, talvez nunca encaixassem e talvez nunca encaixarão. Mas continuamos a levantar sobre nossos olhos o véu da ilusão do encaixe, dos dentes de nossas engrenagens a se conectar e levar a diante nosso viver.

A psicanálise desmonta por que questiona. Questiona por que desmonta. Espedaça. A psicanálise é uma arte que sem pressa. É de um outro tempo, tempo outro, em todos os sentidos do termo. Permite os intervalos, observar os espaços em branco entre as palavras, ali onde pulsa o sujeito. Acolhe a repetição para nela encontrar a diferença.

Ou então, de outro ponto de vista, continuamos caminhando apesar de tudo. No horizonte vislumbramos nossas perspectivas de dias melhores. Não são os sintomas do sujeito, sintomas de seu tempo afinal? E então nesse entrelace entre sujeito nunca dissociado do social vislumbramos: utopia. Continuamos a caminhar. E esse paciente, menos passivo, continua a cada sessão. Palavras por vir a cada nova sessão, impulsionadas pela angústia. Pelo desejo de dias melhores. Imagens de peças, de cacos a se juntarem lá longe, no horizonte.

Peço aqui licença então. Licença para voltar o holofote sobre mim. Mas no fim das contas não estamos sempre a falar de nós mesmos?

Mas, sim, com licença, meu bom interlocutor, quero falar aqui do meu processo de construção. De 2010 até essas palavras que compõe este Trabalho de Conclusão de Curso. Apresentar uma antropografia – imagens de meu corpo tal qual a ilustração de Magritte que espero ainda terem presentes na memória. Mais que isso, falar dessas peças que compõe meu ser por sobre esse percurso. Daquilo que tomei para mim ao longo desse curso de psicologia. Antropofagia. Daquilo que agora devolvo em palavras escritas. Aqui o expelido, o vomitado, daquilo que me é possível devolver. Mas nisso que aí temos, também minhas próprias entranhas misturadas estão. Como um sujeito a se sustentar em suas frágeis ideações sobre seu ser, sou eu a me equilibrar nessa frágil ideiação de psicólogo que agora venho a ser. Algo sabidamente deveras ficcional. Muito mais belamente do que eu, SIMONI E RICKES (2008) explanam:

O que de mais íntimo situamos – o eu – é superfície de decantação dos traços que os encontros com o mundo deixaram em cada um de nós. Não temos essência, nossa natureza é móvel, fruto de encontros, desencontros, afetações, o que não é o mesmo que dizer que não experimentamos estabilizações – precárias – capazes de nos identificar no tempo e no espaço. (SIMONI E RICKES, 2008, p. 104)

As autoras apontam para esse processo, no entanto, apontam sua potência. Dizem-nos que somos constituídos de todos os rastros dos investimentos que fazemos no mundo, somos feitos desses encontros sempre desencontrados, desses desencontros que sempre encontram algo. A potência então residiria no rastro, naquele sempre segundo olhar para o que se passou na trilha já trilhada – seriam esses traços que nos identificam, que criam um retrato ao qual

nos apegamos para fugir do terror que seria aceitar o real que nos impõe a imagem de Magritte. Esse rastro, esse segundo olhar, esse *a posteriori*, a vivência transformada em experiência. Não temos qualquer essência que seja anterior ao percurso pelo mundo.

Aqui essencialmente adentramos no campo da alteridade. Nossas imagens tão nossas, tão preciosas, recortes de uma vida para montar uma imagem a qual nos abraçamos é fundamental, pois fundante, mas, ao mesmo tempo, aponta a possibilidade da mudança no depois, no futuro. Numa relação de transferência, no âmbito da clínica psicanalítica, como fica então esse enlace? O que faço eu com as angustias de meu paciente?

Novamente faço uso das palavras da já citada dupla de autoras, ao colocarem um questionamento que me interpela intimamente: “como dar lugar ao ruído sem a ele imputar um código capaz de transformá-lo em algo uníssono e harmônico, anestesiando o mal estar que lhe concerne?” (SIMONE E RICKES, 2008, p. 103).

Ao adentrarmos o campo da alteridade, precisamos falar dos desencontros. Precisamos entender a lógica de que toda comunicação é fadada ao fracasso. Falamos de um pressuposto no qual dois sujeitos sempre portaram suas experiências distintas e acreditar que o que é dito é o que é entendido beira a tolice. Você e eu crescemos acreditando na existência do vermelho, mas eu não conseguiria sustentar uma afirmação que propusesse que falamos da mesma coisa. Mesmo que tentássemos apagar todos os ruídos possíveis de comunicação sobre “vermelho”, o restringindo apenas a cor, como saber que enxergamos a mesma coisa? Ao que nos agarramos para sustentar nossa sociedade é termos crescido sendo ensinados que aquilo que ali vemos é a cor vermelha. Mas e se eu propusesse uma nova cor? Bom, essa discussão fica para outra hora.

O que importa aqui e agora é que nos lapsos dessa dialética que se dão as possibilidades de criação. Afinal o que mais há para ser dito quando há um consenso?

Aqui suscito as artes. Falo do ato criador. Arriscaria dizer que a arte existe na falha, assim como a palavra. A fala existe por que ali alguma coisa falta. É preciso tentar preencher com algo, mesmo que seja sempre destinado ao fracasso, algo então triunfa. Quando falha então a palavra, surge a arte. O homem inventou a arte por que as comunicações invariavelmente falham. A arte seria assim, parte desse eterno desencontro, afinal tente imaginar um mundo onde, apesar do paradoxo que isso causaria, a comunicação fosse perfeita. De que nos valeria a arte nesse mundo, onde o entendimento já se daria prévio a

qualquer intervenção? A região em que tudo é estranho é vizinha daquela onde nada de estranho pode emergir, onde ambas colocariam em cena o princípio aniquilante da totalidade.

A arte é um caminho entre essas regiões inóspitas, é um caminho de afetações, ou pelo menos de tentativas de. Aqui para esse trabalho de conclusão de curso, então qual seria o melhor caminho para uma vinculação entre a arte, agora devidamente apresentada, hospedada, e os atos de criação que fogem a denominação da mesma, mas estão sempre a circundá-la? Junto a esse sempre fracasso da palavra algo há de poder emergir, mesmo nunca inerente a intenção do criador, escritor, enunciador, proferidor...

Assim, para tentar dar uma forma, mesmo que logo se desmanche, mesmo que efêmera, recorro ao ensaio. Para IRIBARRY (2003), a forma do ensaio é irmã da literatura:

A ficção é o ponto de partida e o ponto de chegada do ensaísta. Entre os dois pontos está a experiência. Mesmo que o objeto da experiência exija um relevo fundamental, o sujeito não se retira da cena: ele mescla subjetividade e objetividade em seu movimento. De sua implicação de sujeito, o autor da experiência procura a vivência de algo concreto, mas repleto de fantasias, às quais põe em diálogo com a alteridade. (IRIBARRY, 2003, p. 129).

Ensaio. E me liberto de fórmulas prontas. Nessa minha pretensa despreocupação com normas e técnicas, reside o ideal de que “a técnica automatiza o tempo e legisla sobre o devir” (SOUSA, 2007, p. 38). Com que vergonha assim encararia eu o olhar daqueles presos às esteiras da fábrica, se ao tentar encontrar linhas possíveis de fuga para o amanhã, tomando a arte (sendo uma vertente dela a escrita) como chave de fenda a permitir o desmonte das engrenagens da máquina, recorresse aqui a formulas prontas, percorrendo os mesmos já conhecidos caminhos, indo de encontro aos mesmos já conhecidos destinos?

Algo aqui entra em ressonância entre IRIBARRY e SIMONI E RICKES. Para as autoras:

Toda operação teórica é também uma operação metodológica. Operações que se fazem sobre uma superfície – de vividos, de letras, de imagens – que se apresenta ao pesquisador como campo de alteridade, como enigma a ser percorrido. O gesto que rasga

esta superfície deixa em nossas mãos o objeto de nosso trabalho e faz restar ao chão o método que sustentou aquele recorte.
(SIMONI E RICKES, 2008, p. 98).

A relação que aqui se pressupõe é de afetação pela alteridade. Não se trata de fórmula, trata-se de encontrar os pontos sensíveis. Tal qual o encontro desencontrado com as palavras de meu paciente, assim faço com a arte.

Mas então por que escolho aqui falar de arte, falar com a arte, deixar a arte me falar? A resposta não pode ser outra se não percurso. Ao descrever aqui as forças que me levam a compor um trabalho na forma em que se encontra, falo irremediavelmente – e que bom que assim é – das afetações que me tomaram durante meus cinco anos de formação. Falo de mestres e ensinamentos a me apontar uma direção a seguir numa carreira. Se é a melhor forma, não questiono, afinal é a que me toma, é a forma da qual não posso fugir nessa balançante estruturação de meu ser psicólogo. Posso apenas tentar aprimorá-la, posso apenas tentar fazer bom uso dela. Afinal, como as palavras por mim escolhidas de SIMONI e RICKES mostram, ao fazermos pesquisa, intervimos, interferimos ativamente no processo. É aquilo que escolho recortar e rasgo, não o faço sem antes ter uma grande bagagem de experiências que me moldaram a me curvar as costas. É como se, ao dizer, não conseguíssemos nunca nomear exatamente o que pretendemos e, ao mesmo tempo, fazemos as escolhas que são nossa marca de sujeito no mundo, nos dizendo da nossa relação com os outros no mundo.

Mas então RIVERA, em um de nossos desencontros, sendo pessoa, obviamente, com muito mais tempo na estrada do que eu – pelo menos em se tratando da estreita relação entre arte e psicanálise, psicanálise e arte, questiona se “seria o interesse crescente dos psicanalistas pelas diversas manifestações artísticas, perceptível no aumento de publicações a respeito, a busca de um novo lugar para a psicanálise na arte?”, a própria autora, para meu alento, responde, ao dizer que em sua visão “talvez ele corresponda, muito pelo contrário, a assumir essa falta de lugar (em conjunto) com a arte, aceitando pôr-se com ela em movimento.” (RIVERA, 2005, p. 68).

Percebo então, num repente, que nem de longe sou um pioneiro na busca desse encontro, mas tal qual Indiana Jones, um arqueólogo que busca na história, nas relíquias do passado, suas próprias aventuras, posso eu também fazer isso, buscando nessa já antiga

parceria, datada dos estudos de Freud sobre a literatura até os dias de hoje, um encontro comigo, e nesse processo uma afinação de ser humano, de psicólogo, de clínico pode advir, ao momento que decido recolher esses fragmentos de meu paciente, e, assim de toda a humanidade, com minhas próprias mãos, assumindo minhas responsabilidades diante deste, mas permitindo antes sua própria experiência, suas vivências, suas próprias aventuras como Indiana Jones a tentar completar o quebra-cabeça de sua vida, para poder assim, talvez emoldurá-la, pendurá-la a parede de sua casa e recolher seu chapéu em busca de novas aventuras.

É, talvez assim eu veja a arte. Assim a arte me veja.

Para Amorim (2004), a questão da alteridade é absolutamente concernente ao trabalho do pesquisador. O outro seria, ao mesmo tempo, aquele que se quer encontrar e aquele cuja impossibilidade do encontro cria as próprias condições de construção de uma pesquisa. (SIMONI E RICKES, 2008, p. 105).

É, talvez assim o paciente e sua bela e angustiante frase continuem a perder-se em si mesmos.

O analista está incluído nas formas que o percurso de análise de um analisante, ou ainda o trabalho de investigação, assumem, bem como os percursos vão constituindo ao analista e ao pesquisador. É por isso que podemos adjetivar a ambos – análise e investigação – de processos de invenção. (SIMONI E RICKES, 2008, p. 101).

Vou encontrando nesse caminho, ferramentas. Em se tratando de psicanálise, pesquisador e analistas encontram formas semelhantes em seu campo. Em ambos, a questão da construção da posição do olhar está em jogo. Há um desafio duplo, de não nos cegarmos diante às formas de vida e do viver e, ao mesmo tempo, não podemos deixar nossas vistas se embaçarem pela teoria a querer apreender o movimento de rompimento inerente ao existir de cada sujeito. Para SIMONI E RICKES (2008), é preciso aí “permitir a existência de lugares para a impossibilidade das palavras, assim como lugares de pergunta e de convite. Haveria aí um jogo entre nomear e deixar de nomear, perguntar e deixar de perguntar, falar e calar.” (ibidem, p. 108).

Para essa construção escrita imbuída de desconstrução por objetivo, muitos espaços em branco se projetam, e apesar de sua inevitabilidade, não diria que é sem fazê-lo por escolha que isso aqui acontece. Ao permitir as lacunas que as palavras colocam entre seus silêncios, suas pausas, as vezes forçadas, mas sempre inevitáveis, abrimos espaço para os encontros sempre desencontramos, mas desencontros que permitem algo – o preenchimento pela efêmera essência a qual nos agarramos para dar lugar ao que entendemos por eu (que com certeza absoluta é diferente para você.). Aí reside o quase.

O quase não estaria a indicar uma tarefa incompleta (ele quase conseguiu completar o percurso), mas o reconhecimento da impossibilidade de alcançar a totalidade. E sem fazer uma correspondência biunívoca entre a experiência e seu relato; pois mesmo esgotados os recursos ainda faltaria uma partícula, um resto. Em outras palavras, esse pequeno vocábulo demonstra o impossível estruturando uma condição (PEREIRA, 2006, p.57)

Assim, o quase também abriria essa esplendorosa possibilidade da invocação do terceiro, da interpelação deste.

Apesar da aparência, o caligrama não diz, em forma de pássaro, de flor ou de chuva: "isto é uma pomba, uma flor, uma chuvarada que cai"; desde que se põe a dizê-lo, desde que as palavras se põem a falar e a fornecer um sentido, é que o pássaro já voou e que a chuva secou. Para quem o lê, o caligrama não diz, não pode ainda dizer: isto é uma flor, isto é um pássaro; está ainda demasiadamente preso na forma, demasiadamente sujeito à representação por semelhança para formular uma tal afirmação. E quando alguém o lê, a frase que se decifra ("isto é uma pomba", "isto é uma chuvarada"), não é mais um pássaro, não é mais uma chuvarada. Por astúcia ou impotência, pouco importa, o caligrama não diz e não representa nunca no mesmo momento; essa mesma coisa que se vê e se lê é matada na visão, mascarada na leitura. (FOUCAULT, 1988, p. 9)

Aquele que passivo, possa se munir de meus questionamentos pela relação com a obra de arte, se sinta questionado pelos furos deixados, pelos momentos em branco no meio das letras negras, por esse respiro entre cada idéia, pelo limpar da mente a cada novo parágrafo, pelo espaço deixado de propósito entre as engrenagens para que aqui não se mecanize o processo de escuta a alteridade.

Que aqui se deixe passar o vento do novo entre cada parágrafo e que ali leitor deixe de ser terceiro para se tornar sujeito ativo do processo. Trazendo sucesso a um pesquisador que mais do que recolher marcas, produza as suas – um encontro com uma nova alteridade que sustente as perguntas que não respondo ao longo deste escrito que encerra o trabalho de conclusão de curso.

Nossas palavras existem como restos, somos restos, aquilo que foi se mantendo ainda legível nas areias que compõe nosso ser após cada nova forte onda de vida varrendo as linhas escritas na areia. Aqui, que ato criativo produziria um novo significante que possa vir a dizer o que é preciso? Aquilo que me lanço a querer dizer, mas que continua a me escapar e por isso me lança a continuar escrevendo?

De tudo que eu poderia dizer, das diferentes formas em diferentes tempos, afinal o que você leitor, recolhe aqui, foi só o que me foi impossível não dizer – aqui esse resto, esse vestígio do que sei e sou. Valendo-me das famosas palavras de GOETHE: “O que sabes de melhor, não vai podê-lo transmitir”.

Afinal, quando tenho a certeza de que “isso é uma pomba”, ela bate asas e não mais ali é, mas quase. Já se transfigurou. A palavra só é possível na queda do objeto, já previa Lacan. Quase-pomba. Quase-arte. Aqui, dizer o que é preciso, eterno fracasso, embora algo triunfe. A palavra, esse instrumento melhor de ausência jamais vai preencher o estatuto do que é preciso, irremediavelmente falhará. Mas aí potência, aí triunfo. Haverá outros a vislumbrar nosso fracasso e produzir com ele. Surgirão outros braços a erguer a chave de fenda contra a máquina, a tentar refrear o movimento das monstruosas engrenagens. Como Lacan a nos explicar que nenhuma carta fica sem chegar ao destino, algo aqui haverá de fracasso, algo aqui haverá de êxito. Existo.



Paul Klee
Angelus Novus
1920

O MÉTODO EM CENA E A ARTE COMO TEMPO DE RESPIRO E REFLEXÃO

Há um quadro de Klee intitulado Angelus Novus. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Temos olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já as não consegue fechar. Este vendaval arrasta- o incessantemente para o futuro, a que ele volta costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval. (BENJAMIN, 2013, p. 13).

A máquina invisibiliza o processo...

Há uma crescente angústia em meu ser. Algo que se propaga nessa relação com a cultura em que vivemos. Obviamente, retomemos, o sintoma de um sujeito é um sintoma essencialmente de seu tempo. Algo que interpela nessa lógica da impulsão ao consumo em que vivemos – algo de vazio que não se preenche pela lógica criada pelo mercado em que consumir é sinônimo de ser feliz. Mais do que isso, o gozo atual aparece na descartabilidade dos objetos, dentro dessa obsolescência programada pelo mercado.

Gosto de usar a metáfora da via expressa. É como se hoje vivêssemos em movimento constante – a agilidade da internet, as distâncias encurtadas pelos meios de transporte cada vez mais rápidos, a tecnologia agilizando cada processo de nossa vida parece nos levar cada vez mais rapidamente para lugar nenhum. Partimos de ponto algum e chegamos a lugar nenhum. Vivemos nessa urgência da via expressa, vivemos na rapidez de ter de concluir nossos compromissos para que tudo continue exatamente como é, nessa corrida desembestada

pela vida. “Produção, produção, produção!” nos dizem vozes metálicas irreconhecíveis, muitas vezes interpretadas por famosos que admiramos e invejamos. Por trás desse asfalto, desse transporte lindo de cores metalizadas, se olharmos bem, podemos ouvir as engrenagens que movimentam a lógica então. Talvez.

Incomodo-me, me inquieto. Não consigo, já tentei, me adaptar a via expressa. Dia desses, ao ter de fazer algumas entregas as quais tinha me comprometido, me deparo com a porta do local de destino fechada. As engrenagens impiedosas de meu relógio de pulso me avisavam que ali havia chegado muito cedo. Não me valia a viagem de volta para um posterior retorno, me restava esperar. Esperar por uma hora. Estava eu no meio da cidade de Porto Alegre. A minha volta apenas as vias de carros, motos e ônibus. Pessoas eram raras aquela hora do dia. Tentei esperar pelas ruas. Mas algo ali de repente não era mais convidativo. Enquanto caminhava e me deslocava, tudo parecia em ordem – a cidade seguia seu rumo. Mas ao momento de encontrar uma pausa, parecia que o espaço me era suprimido. Não havia lugar para parada nas ruas. Estas são exclusividade da brevidade das passagens, das viagens – não te convidam a ficar, a olhar, a estar. “Apenas siga seu caminho”, me diz o calor das pedras e do asfalto ao meio dia. Resisto, mas não é tarefa fácil. Durante bom tempo continuo caminhando, nenhum lugar me convida a ficar. A sensação de estranheza com a cidade cresce, me amargura. No calor desse deserto urbano, vejo miragens – soluções preparadas pela via expressa para aplacar os sujeitos desviantes. Silenciá-los assim. Vejo vários bares e mercados no caminho. Todos me convidam alegremente a entrar. Por trás do convite, a lógica perversa: “consuma!” me gritam. Tento sentar em escadarias de prédio, mas o olhar desconfiado dos porteiros na minha nuca gera mal-estar. O tempo, ali, me era roubado – eu, que sempre apreciei o estar, o lento, o processo, o suave, o observar das transformações graduais e lentas, só queria que o tempo passasse de uma vez.

Mas por que seguimos nessa via? Por que não abandonamos essa rotina da qual tanto reclamamos, mas, a bem da verdade tanto amamos? O que nos fascina nesse banal cotidiano? O que dele, afinal, nos constitui de tal forma que não podemos dele fugir?

Antes de chegar a estas perguntas, porém distrações. Um outdoor nos passa rapidamente a direita. Aos mínimos 80 km/h do carro no qual sigo na via expressa, no escaldante asfalto, não consigo ver direito. Cores fortes e uma frase... O que era mesmo? Viro o rosto para trás, preciso saber o que era aquilo. Se o tempo congelasse nesse instante, como alguns artistas tem o dom de fazer, perceberíamos, sou Angelus Novus.

Mas o que diria Paul Klee, caso me visse nesse momento? Diferente de seu anjo, eu não percebo me afastar de nada, senão deste outdoor. Simplesmente vôo pelo asfalto em direção ao futuro, não sei de onde parti, não sei para onde vou. Meus olhos esbugalhados e minha boca escancarada não vislumbram as ruínas do passado. Obstruindo a visão do passado, está um outdoor. É ele a justificar a expressão de meus olhos e boca: encontro um novo objeto para preencher meu desejo de consumo, preciso tê-lo agora. Estou estupefato, como vivi sem esse eletrônico até agora? Quero acelerar em direção ao futuro, até o momento de possuir esse novo objeto a preencher o vazio dos dias. E assim, perco os dias. “Aquilo a que chamamos de progresso é unicamente este objeto”. Impelidos ao futuro, não percebemos o abismo que nos aguarda ao fim da via inacabada.

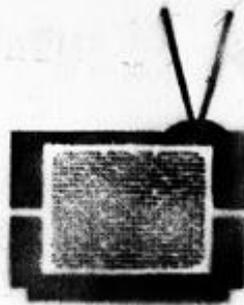
Em nossa tecnosfera, a poluição de imagens é tão poderosa que somente a privação deste barulho de fundo constante e ensurdecedor e deste efeito de nevasca generalizada que nos cega, pode nos fazer perceber a que ponto estamos dependentes dela (BARBANTI, 2000, p. 159).

Mas por que seguimos nessa via? Por que não abandonamos essa rotina da qual tanto reclamamos, mas, a bem da verdade tanto amamos? O que nos fascina nesse banal cotidiano? O que dele, afinal, nos constitui de tal forma que não podemos dele fugir? Percebemos então, somos esse cotidiano.

Mais e mais véus são jogados por cima de nós e, assim, da nossa visão de mundo todos os dias. Aplainando nossos horizontes – são promessas de felicidades em pílulas, receitas de felicidades de um passo só: consuma. Os novos objetos, ao que ficam reduzidos desejos, são as medalhas que estampamos para nos destacarmos socialmente, milhares de fotos sobre o nada são despejadas nas redes sociais diariamente causando inveja e alimentando mais esse mecanismo.

A via expressa vai se revelando uma esteira. Hoje temos o slogan substituindo o provérbio. Ainda assim, o que há de tão ruim nisso afinal? Por que não posso ser feliz com meus “celulares espertos”? O que há de perverso nesse cíclico e infinito consumo e descarte que não enxergamos afinal?

**JOIN A HILARIOUS ADVENTURE
OF A LIFE-TIME!**



WORK BUY CONSUME DIE

Europa

Pichações nos muros desde 2007

...e a arte visibiliza a máquina

A arte interroga a norma instituída provocando uma expansão da metáfora como se mostrasse as fissuras possíveis da lei, contudo estes pequenos rasgos, ao contrário do que parece não destitui a lei de seu lugar de fundamento, mas a interroga em sua consistência... A transgressão da arte destitui o ideal perverso de capturar de forma meduzante os sujeitos anulando sua condição desejante. Neste sentido, a arte abriria condições para que o desejo pudesse se recompor e se lançar novamente. (SOUSA,2014, p. 789).

A arte, a verdadeira arte, nos permite despir o maquinário. É fundamental sua contribuição, ao desplanificar nossos horizontes, torna-se utopia. Como uma tesoura, ou nem tanto dada dimensão hercúlea de sua tarefa, então talvez um pequeno, mas bravo estilete, criando furos e rasgos, a nunca permitir que os véus escondam a máquina por completo. Para SOUSA (2007, p. 14), “a utopia tem a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe”

Paul Klee dizia que “os quadros olham para nós”. Verdade desconcertante quando permitimo-nos perceber esse acontecimento, quando permitimo-nos paramos e também sermos despidos pela arte. SOUSA (2014) aponta a arte como essa transgressão que ao ser instaurada nos sujeitos, desfaz fronteiras, empurrando-os para os espaços que evitam ver. Freud aponta em seu escrito de 1919, O Estranho, que a sensação que dá título ao artigo seria uma qualidade do sentir que se imporia enquanto uma variedade do terrorífico, causando uma certa desorientação no sujeito. O que aconteceria que aquilo de tão estranho que se passa em sua frente tem algo de seu – vislumbre de reconhecimento.

Nus ali estaríamos nós diante da arte arrebatadora, ao percebermo-nos fundamentalmente assim, estaríamos então prontos para desnudar a via expressa, apreender seus mecanismos tão bem mantidos em sigilo para manter a nós em movimento. “Transpor as amarras do excessivamente próximo é fundamental para que o estranho acione os processos de criação”. (SOUSA, 2007, p. 16).

Então a arte. Uma possibilidade de suspiro diante da via expressa, uma possibilidade de sentar-se ao cordão da calçada e apreciar o movimento, mesmo que por breves instantes. A

arte desloca o objeto de lugar, assim desacomoda quem por ela se deixa interpelar. A arte permite, assim, essa torção no tempo.

O que a arte almeja? Talvez almeje apenas recolocar a questão. Seu papel apenas talvez seja o de tirar os elementos do processo escondidos ao fundo e trazer a eles nova luz. Talvez a arte apenas queira manter as questões pulsantes. No entanto, isso apenas é imprescindível ao futuro (e por isso, presente) da humanidade.

Bem sabem os entendidos de Sigmund Freud, que o pai da psicanálise professava que conhecer a alma humana é buscar nos artistas e na sua arte. Dizia ele que para conhecer o sofrimento humano, a subjetividade humana, antes de buscar em seus escritos, deveríamos ler Shakespeare e Dostoiévsky. Para ele, os artistas teriam a sensibilidade e a capacidade de apreender e retratar o imaginário social, o fantasma social que habita sua época. Freud denominou essa capacidade de “conhecimento endopsíquico do poeta”, ou seja, com isso, ele dizia que a arte se antecipa às possibilidades da escuta psicanalítica da subjetividade e da cultura. “Os artistas são as antenas da raça” (EZRA POUND).

Assim, encontro o meio para despír a via expressa: vislumbro o maquinário. Eu, a psicanálise, a arte, queremos ir a fundo, revirá-la. Enxergar finalmente suas engrenagens em sua crueza.

O artista abre as entranhas da máquina para ver como ela funciona.

Tudo isso um respiro, tudo isso num respiro. Suspiro. Ar(te) a gerar ferrugem. Ventos utópicos me guiam aqui, são como as ninfas do Tejo para Camões.

Que a organização burocrática possa ser embaralhada, desacomodada. Que possamos levantar dessa dimensão cotidiana que nos foi vendida a preço alto e, por nós, tão apaixonadamente comprada. “Esta é a atitude fundamentalmente transgressiva na arte, injetar desordem nas classificações.” (SOUSA, 2014, p. 794).

A utopia é como uma formação do inconsciente. Aponta não uma realidade apreensível, mas um princípio ético do dever de testemunhar e o compromisso com a transmissão. ‘Como dar forma a esta escrita?’ continua sempre como enigma (SOUSA, 2006, p. 56).

Furamos a certeza, furamos o futuro. Rasuramos o outdoor. Ato criativo é destruição, destruição da ordem. Arte é caos, é desarranjo. Criamos ferrugem nas engrenagens da máquina. Permitimo-nos esperança. “Esperança que não se intimida com o risco de não ter a expressão certa, mas que sabe que é preciso novamente continuar escrevendo”. (SOUSA, 2006, p. 58).

Há uma crescente angústia em meu ser. Algo que se propaga nessa relação com a cultura em que vivemos. Mas algo se modifica então, a arte desloca: princípio esperança. Que o enigma da escrita aguarde um pouco mais, primeiro ao enigma da arte.

Transluza arte.

Ano de bienal. 9º BIENAL do MERCOSUL. Ali, espaço inclusivo das artes. O ser humano circundado pelas artes, somos vistos, tal qual Paul Klee professava. Ali, a arte nos olha. Seus olhos se voltam àqueles que ali se deixam estar. Dimensão outra gerando possibilidades de encontros (e desencontros). Perdi-me entre as instalações que compunham o espaço físico da exposição, deliberadamente o fiz, pois não buscava encontrar. Queria, desde o princípio, me deixar se encontrado. Partindo da crença de que a prática e a pesquisa em psicanálise são indissociáveis, dada a sua metodologia, pois:

“Freud foi capaz de dar guarida a uma experiência radical com a alteridade, sem apressar-se em produzir uma nomeação que restabelecesse a continuidade entre seu modo de pensar e aquilo que ele escutava. Não seria esta a tarefa do pesquisador, no sentido forte do termo?” (SIMONI E RICKES, 2008, p. 99).

Arte e psicanálise se resvalam nesses desencontros, nessas trocas de olhares. Como diz RIVERA (2005),

não há mais lugar para encontros marcados entre arte e psicanálise, mas ambas continuam se esbarrando de maneira imprevisível, incerta, talvez em um corpo que não tem lugar, sem as norteadoras esperanças do surrealismo nem as certezas da aplicação interpretativa da psicanálise a obras de arte. (ibidem, 2005, p. 67).

Em todo encontro que sempre porta algo de ficcional, “espelho ou porta, entre eu e o outro há alguma tela, o que faz de mim um sujeito irremediavelmente cinematográfico”. (RIVERA, 2005, p. 58).

Deixo-me tocar, ser visto e desnudado pelas obras que habitam o ambiente. A arte me desnudando, as obras me olhando. Deixo ali ser lugar estranho, deixo ser estranho por elas. Nessa relação de alteridade do que permitia às obras falar, desfazendo então em mim fronteiras, sendo empurrado para os espaços que evitava ver. Nado, então, contra a corrente do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe, ao me permitir o tempo que a máquina me nega. Rompo com a lógica vigente que fica a me dizer repetidamente, sua voz ecoando pelas paredes dos museus: “Perda de tempo!”

Não perco tempo, perco a bússola. Esbarro em outros corpos humanos também, corpos com pressa a tentar “vencer” os espaços da Bienal, como se um prazeroso “vezinho” fosse feito em cada obra de seu “checklist”. Pessoas a passarem pelas obras. Obras não passando pelas pessoas. Obras sendo consumidas na mesma lógica da via expressa, o prazer da descartabilidade da qual nem a arte escapa. Angústia tomando conta novamente da situação de meu ser. Apenas angústia. Seguem na via expressa. São sujeitos que não se perdem. Quem está disposto a perder hoje em dia?

Pausa!

Eu, ali, paro. Desacelero.

Que imagens podem nos fazer parar? Que imagens podem restituir minimamente a inexatidão do viver? (SOUSA, 2007, p. 42).

WHOSE UTOPIA: UMA LEITURA **(ou Isso não é a obra de arte de Cao Fei)**

Part I

Imagination of Product

Braços robóticos precisamente alocam tubos de vidro aos pares. Máquinas em seu ritmo cadenciado e perfeito. Pás, lança-chamas, criaturas de metal condenadas à repetição até o fim de seus tempos – perfeitas em seus designs, em seus desígnios, para seu fardo eterno. Nada desliza dali, pois há perfeição. Movimentos perfeitos retendo o potencial humano de evoluir na falha, no descompasso, no silêncio do arrítmico. Apenas sons aleatórios, construídos pela seqüência inabalável das máquinas. Mas aos ouvidos humanos dispostos a ouvir, uma espécie de cadência parece se formar; pelo tempo sons desconexos vão se tornando música.

Não há compreensão para o olhar humano que acessa o vídeo do que saíra desse compassado construir. Tão pouco estas criaturas brilhantes algum dia se perguntaram do que produziam. Produção em série, um exército sendo construído. Com o passar das tomadas, porém, formas vão sendo desveladas, surge a ideia: lâmpadas. Não se acreditava que dali sairia luz afinal.

Ah, mas as partes delicadas. Sim, aparentemente humanos ainda são necessários. No cuidado suave e ágil das minúsculas peças, ainda assim sem tempo de respirar, sufoco nesse trabalho cheio de cuidados.

Não sei o que são. São peças minúsculas, mas peças com as quais só mãos humanas podem lidar. Humanos ainda necessários, as máquinas ainda não dão conta de tudo. Ainda

Mãos precisas num trabalho ágil. Rostos contraídos. Não há tempo para respiro. Suspiro. O maquinário mimetizando o sujeito. Peças de engrenagem. Olhares não se cruzam. Câmera, imagem – e eu ali – nunca interpelados. Angústia. Mas o maquinário não para por nada, nem por ninguém. O processo, o produto são mais importantes. A produção a produzir esses sujeitos. Angústia.

Lâmpadas sem fim a serem encaixotadas. A luz efêmera do teste a ser guardado na escuridão. Mas seria mesmo só a luminescência das lâmpadas a serem embaladas? Ou esses

seres a embalar em ritmo frenético também vão pondo na escuridão caixa a caixa sua essência? Destino brilhante a residir dentro de invólucros de escuridão.

E que escuridão? Escuridão a tirar as bordas...

Algo pode advir da perda dos contornos definidos pela luz.

Part II

Factory Fairytale

Uma criatura branca caminha por entre as pilhas de escuridão iluminadas. Não sei onde estou, mas estou em algum lugar. Aparência de anjo, mostra não ser, embora de fato possua asas, parece dizer não poder voar. Presa ao chão da fábrica está.

Então surge a imagem de um senhor por dentre os corredores. Parece caminhar tortamente. Não. Ele dança.

Anjo e senhor dançando entre seus colegas de trabalho. Mas eles usam protetores de ouvido. Como ouvir a música invisível que move aqueles corpos que se destacam dos demais? Ninguém os vê. A proteção aos barulhos do maquinário bloqueando a possibilidade de ouvir aqueles que tem algo a dizer.

Dançam por entre máquinas, seu auditório vazio. Sentam-se, fazem seu trabalho, precisam viver, já não é mais um ser imaculado, o protótipo de anjo é apenas mais um na multidão.

Mas na próxima cena de sua vida, ergue-se de novo, dança na ponta dos pés, parece tentar se elevar mais. O senhor ensaia passos onde claramente, tão qual mímico, sobe por uma corda invisível. Quer alçar vôo as nuvens brancas?

Um rapaz toca uma guitarra, algum humano a tentar embalar a dança de seus semelhantes. Ouve seus passos, começa a caminhar com eles.

Mais uma jornada termina. O caminho trilhado aparentemente em círculo os retorna novamente a cama. O local da escuridão do sono. Pela janela de seus quartos, talvez a pintura da liberdade do sonho. Mas espere, pela janela nos é permitido ver o pátio da fábrica. O maquinário silencioso, a esperar ser alimentado mais uma vez no dia prestes a surgir.

“You cry and say ‘Fairytale is a lie’”.

Part III

My Future Is Not a Dream

A câmera interpela os sujeitos. Sim, sujeitos! Ou eles interpelam a câmera. Enfim, sujeitos. Enfim sujeitos. O trabalho, a voraz máquina pode esperar um pouco. Há algo acontecendo aqui. Não sei o que, mas tem algo de verdade ali.

Sem mais palavras aqui para descrevê-los. Não é mais preciso. Seus sonhos através de seus olhos são contados.

“My future is not a dream”.

Agora, aos que quiserem assistir a obra de Cao Fei, podem acessá-la através do site:

<http://vimeo.com/76026916>

COLISÃO

(ou Sobre o meu desencontro com Utopias de Quem)

“Braços robóticos alocam com impar precisão tubos de vidro aos pares.”

Os 10 infinitos primeiros minutos que compõe a primeira parte da obra de Cao Fei capturam. Ou melhor, me capturaram. Sou tubo de vidro. E creio ser algo mais do que braços robóticos cadenciados a me manipular – algo daquele movimento, daquele engendramento maquinal, hipnotiza – uma angústia toma conta do arrastado tempo que se dilata ali ao infinito humano enquanto assistimos impotentes àquele maquinário impassível.

Talvez haja algo de um gozo em ser um tubo de vidro, porém primeiro (advêm) angústia.

“Máquinas em seu ritmo cadenciado e perfeito.”

Angústia com resposta a angústia da obra. Ressonância. Angústia marcando um compasso. Há algo de horrífico e ao mesmo momento fascinante neste tempo compassado e dilatado por entre os corredores indiferentes ao humano que compõe a física de uma fábrica de lâmpadas, que compõe a física de uma obra de arte. Angústia criadora. Se a arte pode ser um buraco na fechadura, a angústia me impele a escrever e assim começar a desenhar a porta que contorna essa fechadura.

Angústia e tempo. Qual o tempo da máquina? Sou totalmente sujeitado ao tempo das esteiras, porém existe ali tempo? Não sei, mas o vídeo se alonga em seus segundos aos quais os mais bravos talvez assistam apáticos. Ao lhe narrar o vídeo escrevo o dobro sobre a primeira parte do que sobre as duas próximas. Algo de impassível, máquinas que aparentam nunca cansar, assim nunca descansar, porém apreender o espectador nesse tempo que surge como arritmico. Percebo que o tempo é da artista. É dela, e então minha, a respiração presa: sufoco dessas vidas ditadas pelas máquinas. Quer se correr dali. Quer-se a todo custo acordar o operário de sua alienação ao tempo que a esteira da máquina lhe impõe. “Tempo/cartão ponto desenhando as rotinas que tanto preservamos e amamos (...) controlar o tempo é um dos instrumentos mais potentes da lógica do poder”. (SOUSA, 2007, p. 31)

O primeiro relógio de pulso conhecido foi feito em 1814 por Abraham Louis Bréguet, encomendado então por nada menos que a princesa de Nápoles Carolina Murat, irmã de Napoleão Bonaparte. Mas conta-se que foi em 1904 que Louis Cartier, com ajuda do mestre

relojoeiro Edmond Jaeger teria feito um relógio desse mesmo tipo para presentear o seu amigo, admirado e exemplo de brasileiro, Santos Dumont. Assim o inventor poderia conferir suas preciosas horas sem ter de trazer do bolso a mão seu relógio (obviamente) de bolso.

Dessa vez, também é Santos Dumont que leva o crédito por essa invenção. Se é mito ou não tal acontecimento não sei, mas me atrevo a dizer que não importa – se for um mito, tanto melhor. Pois a partir de então, ele poderia controlar o tempo enquanto ocupava suas mãos com outras coisas (leia-se, menos tempo de suspiro e respiro; mais movimento em menos tempo). Poderia ser essa história elevada (tal qual fez Freud com quase toda a mitologia grega) numa fábula na qual residiria o mito primevo da nossa falta de tempo num futuro vindouro? Não é pra tanto, mas fica a ideia.

Enfim, precisamente 109 anos (com alguns por menores ajustes de cálculo) depois da suposta invenção de Santos Dumont, eu compro o meu primeiro relógio de pulso por vontade própria (excluindo aqui então os horríveis relógios de presente em aniversários de parentes que, para meu desgosto, preferiam me dar isso a brinquedos). Isso acontece então em meu primeiro ano de experiência clínica – precisava controlar o tempo das sessões e um relógio de bolso poderia ser espalhafatoso demais para alguns pacientes: eu tinha de me precaver.

Era lustroso esse relógio e me encantava, das primeiras vezes que o usei olhava para ele apenas para testar o movimento e me esquecia de ver que horas realmente eram. Porém, com o passar das levantadas de pulso em direção a minha própria face, esse movimento foi ficando mais maquinal, mais reflexivo – eu precisava realmente saber que horas eram a cada instante – a pulseira de metal se tornou algema. Em algum desses movimentos maquínicos, perdi mais um pedaço de minha liberdade. (Assim como foi o desprazer em ser obrigado a abrir minha primeira conta no banco no ano anterior, penetrar na burocracia, enquanto assinava aquele contrato algo de mim parecia arrancado ao mesmo tempo, tal qual na penúria de Fausto me senti).

Foi então que percebi:

Meu orientador na bolsa de pesquisa; o professor-diretor da Clínica onde estagiei; um bom amigo meu, colega de clínica. Todos mantêm um hábito peculiar que me é bastante intrigante. Ao se sentarem para uma reunião, um encontro, um seminário, por vezes retiram o relógio de pulso e o acomodam na mesa a sua frente. Os motivos que os levam a isso me faltam. Mas não importa neste momento; o que importa é o que isso me diz dessas pessoas em

particular: ao retirarem o relógio do pulso é como se propusessem um corte na continuidade. A partir desse momento o tempo não mais os aprisiona, eles se livram das algemas deste. Não mais carregam sua falta de tempo em seu próprio corpo. É como se neste gesto dissessem ao próprio tempo: “A partir daqui, você não mais me controla, agora e aqui, pelo menos neste momento, eu é que te controlo”.

Ali não mais *“Movimentos perfeitos retendo o potencial humano de evoluir na falha, no descompasso, no silêncio do arritmico.”*

A arte e psicanálise se esbarram novamente, dessa vez, em uma espécie de dogma da suspensão do tempo da máquina. Dogma de resistência. Que tempo é este de uma fábrica? Que tempo existe nessa fábrica? Existe o tempo da máquina, o tempo burocrático, contraste, existe o tempo dos sujeitos, os tempos dos sujeitos. Existe um tempo que nos aprisiona. Existe um tempo para vencer a burocratização do tempo, a burocratização do amanhã. Existe um tempo para gerar descontrole do tempo. Existe um tempo para gerar ferrugem.

Psicanálise e arte, amigos e mestres, me mostraram todos ali como é possível, nos gestos mais simples, fugir, mesmo que momentaneamente ao controle impassível desse maquinário que nos leva indelével do trabalho ao tûmulo – breve, bravo e belo mergulho na escuridão da incerteza para um retorno revigorante a superfície da luz cegante.

Luz ultra-violenta?

Utopias de Quem? Talvez só minha, mas minha!

“Apenas sons aleatórios, construídos pela seqüência inabalável das máquinas. Mas aos ouvidos humanos dispostos a ouvir, uma espécie de cadência parece se formar; pelo tempo sons desconexos vão se tornando música.”

Há sim, como disse anteriormente um gozo em ser o tubo de vidro a ser controlado por (invisíveis) braços mecânicos: fascínio da sujeição. O fascínio do perverso sobre o neurótico a nos desacomodar em nossas (talvez não tão) confortáveis cadeiras enquanto assistimos à máquina. Afinal, angústia, falta da falta, sou o objeto que tapa o buraco, escrevendo me vê para esburacar:

“Não há compreensão para o olhar humano que acessa o vídeo do que saíra desse compassado construir. Tão pouco estas criaturas brilhantes algum dia se perguntaram do que produziam.”

Crio então muito mais perguntas que respostas. Esse é o objetivo de um trabalho de pesquisa? *“Talvez sim, talvez não, mas o mais provável é quem sabe”*, me arrisco a responder, certamente com uma incerteza imperativa na voz. Então me lanço à máxima da 4º Bienal De Artes Visuais do MERCOSUL: *“A arte não responde. Pergunta.”* Então o que faço aqui é arte? Saída fácil. Mas tão pouco me atrevera a colocar essas mal traçadas linhas em tal status.

Mas isto é ainda apenas a menor das incertezas. Eis outras: há dois cachimbos. Não seria necessário dizer, em vez disso: dois desenhos de um mesmo cachimbo? Ou ainda um cachimbo e seu desenho, ou ainda dois desenhos representando cada um deles um cachimbo, ou ainda dois desenhos dos quais um representa um cachimbo, mas o outro não, ou ainda dois desenhos que, nem um nem outro são ou representam cachimbos, ou ainda um desenho representando não um cachimbo, mas um outro desenho que, ele, representa um cachimbo, de tal forma que sou obrigado a perguntar: a que se refere a frase escrita no quadro? (FOUCAULT, 1988, p. 4).

Talvez apenas testemunho. O que sou eu? O que faço em meio ao caos? Apenas uma certeza, escrevo. Essência da desorganização. Alguém que ousa perturbar o universo. Talvez aqui quase-arte. Pois o quase é a própria utopia in natura: é o caminhar (o escrever) apesar de tudo, é deixar aqui o meu testemunho da obra de Cao Fei, o testemunho dessas vidas. É garantir-lhes um lugar. É ter a utopia como a experiência de um fazer, sem se deixar ameaçar pelos uniformes que a máquina nos impõe a vestir. É vestir antes nossas próprias cores de futuro em protesto.

Isso não é um trabalho de conclusão de curso

Onde começa uma escrita? Onde começa esta escrita? Onde termina? É em suas próprias palavras?

“Produção em série, um exército sendo construído.”

Não creio. Não aceito. Não sou o único. Segundo Lacan, *“não há sentido que não seja do desejo”*. Logo, a soma dessas letras que aqui se encontram apenas faz sentido por tudo que de antes transformado em experiência foi na vida deste que vos escreve, bem antes do advento desse texto. E assim por diante, na arte do encontro, no encontro da arte, no que se sucede do

raciocínio deste amigo que venceu o tempo e que aqui evoquei, parece atentar para essa dialética que se dá no singular momento de todo e qualquer encontro. Sim, bem como o encontro de meu amigo leitor com essas palavras que só tomam o caráter de texto quando se deparam com seus bons olhos. E tudo que eles evocam de sua própria experiência nesse pretense encontro com a minha.

Não busquem no alto um cachimbo verdadeiro; é o sonho do cachimbo; mas o desenho que está lá sobre o quadro, bem firme e rigorosamente traçado, é este desenho que deve ser tomado por uma verdade manifesta. (FOUCAULT, 1988, p. 5).

Portanto, ao recebermos um discurso, o colocamos num tipo de prisma, que o restringe e dele escolhe alguns pontos de destaque, de acordo com um desejo, a fim de estabelecer um sentido. A esta questão, outra sucede e se relaciona: há também uma parte de nós que se projeta nesse discurso e a ele se funde. Há algo nosso naquilo que vemos.

Não é a obra de Cao Fei que retrato ao abrir esse escrito, mas é o que os meus olhos podem ver dele, ler dele, extrair para depois devolver a ele – esse escrito é a galáxia, é o que resta depois desse encontro, é colisão. O encontro da arte com o observador. (Perceba que ainda resta um terceiro, você leitor, ao deglutir meus restos e expelir suas próprias experiências sobre ele – mas isso já está ficando um tanto intragável).

“Com o passar das tomadas, porém, formas vão sendo desveladas, surge a idéia: lâmpadas. Não se acreditava que dali sairia luz afinal.”

Aqui, num lampejo, talvez (me) defina (sobre essa pesquisa), mesmo que me arrependa posteriormente: quero ser eu sutilmente a me alocar por entre as brechas do maquinário, tal qual fio de água, mínimo problema de vazamento dos canais da sociedade maquinal, detalhe não percebido pelo todo e vai, sutilmente, deixando ferrugem, resíduo imperceptível, até que irrompe, quebrando a corrente. Proponho aqui a ferrugem com conceito, como uma forma de produzir colapso na maquinaria. Ar, quase-ar(te) a gerar ferrugem.

Quero desmontar as peças desse maquinário, para que um dia possamos nós remontá-lo a nosso bel-prazer, e se não for possível, apenas ser ainda a água a passar indelével a criar ferrugem, e se não for possível, algo há de ser. A partir de um suspiro, respiro novamente. Ar essencial em conjunto com o tempo a gerar, sim, ferrugem.

E pasmo, percebo que esse foi o mesmo efeito que me causou a obra pela qual passa meu ensaio nesse momento. Desavisado eu ao sentar-me para assistir mais uma obra da 9ª Bienal do MERCOSUL, esperando pelo que parecia ser um vídeo a começar. E não é que o acaso me levou a conhecer os trabalhadores antes da máquina – algo engraçado aqueles seres face a face com a câmera, face a face com a minha. E então a angustia ao esperar pelo recomeço do filme e ter de acompanhar pelo que me pareceu a eternidade o trabalho das máquinas já suscitado aqui tantas vezes. Testemunho angustiado desse verossímil retrato do contemporâneo. Fagulha do ato criador, fagulha de utopia.

Saio incomodado, não sei bem, ainda não digeri aquilo que me foi oferecido por Cao Fei. Imagino-me agastado em 10 minutos de fábrica; e os trabalhadores ali mostrados que devem se debruçar no mínimo 8 horas por dia? Angústia. Testemunho angustiado desse verossímil retrato do contemporâneo. Fagulha do ato criador, fagulha de utopia.

Testemunho dessa máquina perfeita do capitalismo. Maquinário que absorve cada novidade rapidamente, exigindo dos utopistas permanente reinvenção, exigindo algo de sempre inacabado. Com voz em unísono com SOUSA (2007, p. 30), “penso a utopia dentro de uma perspectiva do inacabado e de permanente reinvenção”. Os tempos modernos nos exigem tal determinação. SOUSA prossegue:

A utopia circunscreve um território de crise. Temos que pensar a crise como valor positivo na medida em que produz uma fratura do presente. Pois as formas burocratizadas de hoje aniquilam fundamentalmente o tempo. A crise busca recuperar esse tempo – para isso, encara o amanhã como um trabalho sempre a ser feito e na convicção plena do inacabado de cada enunciado e formulação. (ibidem, p. 32- 33)

Assim, testemunho. Testemunho a arte da artista chinesa a remontar a cena cotidiana, a muitos tão estranha, e ainda assim tão familiar, de seres sujeitados a um outro tempo. Alienados a máquina. Nada mais ali do que um recorte feito pelo olhar de Cao Fei, olhar a sofrer um recorte do meu olhar, meu recorte a sofrer um recorte do leitor. Desencontros eternos. Ainda assim, de alguma forma todos nós nos encontramos com esses sujeitos presos as esteiras da fábrica. O que há de seu aí, então, eu te pergunto, leitor. O que há que atravessa esse mundo ficcional? Talvez o recorte porte o todo que corre em suas veias. Nossos

encontros, mesmo que sempre descontraídos, mesmo que sempre feitos apenas de esbarrões, nos permite um breve possibilidade de descortinar o todo, destilando aquilo que corre nas veias da arte em nossas próprias veias, misturando nossos sangues, somos infectados pela utopia. O testemunho desses sujeitos a gerar desordem na máquina: ato criador.

Para desmontar a engrenagem desta máquina perfeita, primeiro preciso conhecer suas entranhas. Para mudar sua estrutura, vou descobrir onde estão seus pontos de articulação. Pois não há criação sem desordem.

Mas sejamos rápidos e persistentes, pois o perfeito e imponente maquinário, com suas esteiras a ditar seu próprio tempo nos absorve rapidamente. Absorve inclusive a arte que tentar enferrujá-lo, e nela pode se fortificar. “A máquina se adapta a fraqueza do homem para do ser humano fraco fazer uma máquina” (KARL MARX).

Pois em tempos onde a técnica elimina a decisão, encontramos o declínio do espírito utópico. E nas palavras de WALTER BENJAMIN, “que as coisas continuem como antes. Eis a catástrofe”.

Abro aqui espaço. Falo aqui de sujeitos que ainda não se permitiram tocar pelas artes, daqueles que vi apenas circulando pela 9ª BIENAL DO MERCOSUL, mas sem lá realmente estarem, sem lá se estranharem.

Falo do rapaz que entre uma parte e outra do filme-obra, coloca apenas a cabeça, por entre as cortinas que separavam aquele ambiente escurecido de projeção e o resto da exposição. Com apenas a escuridão provocada pela troca de imagens, em dois segundos, nada mais que isso, dentro do meu infinito tempo ali, se vai. Coisas mais importantes por fazer, imagino. Angústia.

Falo da guia da Bienal, que ainda durante o tempo em que eu visitava “WHOSE UTOPIAS” pela primeira vez, traz um grupo a assistir ao vídeo. Todos se acomodam. Risinhos disfarçados, apreensão, mistura de sentimentos ao dividirem a sala com estranhos. E, num filme que dura exatos 20 minutos e seis segundos, se põe a dizer:

“- Acho que já tá bom!” – após um tempo que não dura nem um terço do filme, fazendo com que as pessoas seguissem sua peregrinação. Angústia.

Continuo incomodado, com o tempo as coisas vão se alocando dentro de mim – o filme retornava em muitos aspectos, em muitos momentos, sobre variados ângulos do meu próprio cotidiano. Como um filme sobre uma fábrica de lâmpadas chinesa e seus trabalhadores poderia se entrelaçar tanto ao meu ser?

Há obviamente um excesso na obra de Cao Fei. Meu incômodo, incômodo de meus semelhantes. Explico os que saem da sala sem “agüentar” testemunhar esta obra, estas vidas.

Sobre a obra e sobre a vida? Não. Sobre a vida e sobre a obra. Essa deveria ser necessariamente a ordem. A utopia pulsa. Tomo a liberdade então de citar um amigo que se foi, utopista por natureza, sempre a confrontar as esteiras do maquinário:

Jurei que farei tudo que estiver ao meu alcance para tornar o mundo um lugar onde eu quero que meus filhos cresçam. Guardarei um lugar aqui pra ti, no dia em que perceberes o mesmo, e seguirei lutando enquanto você não acorda (SAMUEL EGGERS).

Essas palavras nunca foram publicadas, mas quem dirá que faltam referências?

Permita-me outra história, se já não estiver cansado de meus devaneios, amigo leitor:

O que resta dos dedos de meu tio?

Sou filho de uma mãe com 12 irmãos. Destes, boa parte trabalha desde jovens numa fábrica de calçados, mas é de um deles em especial de quem vou falar aqui. Chamá-lo-ei de Neginho. Este meu tio, então com seus vinte e poucos anos, trabalhava nesta fábrica a pouco mais de um ano. Certo dia, designado para a esteira de corte de solados (dentro dessa empresa, era praxe os funcionários rotacionarem entre os setores), provavelmente já enfastiado daquele trabalho maquínico, acaba por sofrer um acidente: após colocar o couro para ser cortado pela prensa, não retira as mãos a tempo, vindo a perder a primeira parte de seus dois dedões.

Ao lhe perguntarem como isso havia acontecido, ele sempre respondia com um sorriso:

“- Eu queria ver se a máquina cortava mesmo”.

Ao terror da mutilação, respondeu com a pilhéria. E talvez por aí o dito popular “se você não brincar com a vida, ela brigará com você” se faça verdade. “Sem a rasura, só a transparência que cega.” (SOUSA, 2006, p. 50).

Nesse instante, Neguinho desmontava a máquina. Aquilo que de impassível com ele se confrontava, não o aniquilava. Ainda antes, meu tio corroia suas engrenagens, não se deixando obliterar pelo acidente que sofrera. Resposta de um sujeito que para permanecer vivo, deveria mimetizar a máquina.

Uma piada ao salvar o sujeito da aniquilação. Neguinho a mostrar que a escravidão maior é aquela que nos impomos.

Mas como posso eu me enfiar por entre engrenagens tal qual meu tio para continuar a ruptura que Cao Fei provocou em meu âmago? Como fazer um corte na máquina, sem que seja um corte sacrificial? Um corte que não leve os dedos de pessoas como meu tio?

Testemunho.

A psicanálise da arte, a arte da psicanálise – uma luz, uma escuridão

A arte a embaralhar, desfocar, colocando na escuridão a imagem ilusória do eu. Aqui a psicanálise permitindo ao sujeito perceber um pouco de noite, criando outro tipo de imagem na escuridão. Mas como dizer que a potência está na escuridão se a escuridão é exatamente isso que esconde as verdades, faz as certezas tremerem – terrores do nosso tempo?

Pensemos no prazer gerado pelos inesperados apagões. Em nossas infâncias, quando faltava luz, comemorávamos, assim como uma tristeza nos invadia tão logo ela retornava. O que fica suspenso nesse momento em que a luz se esvai?

Qual o prazer em uma lâmpada que não funciona? E uma lâmpada que jamais funcionasse, danificada por uma falha no processo de trabalho seria uma utopia de quem? Seria um corte nessa fábrica de autômatos que poderia levá-la a destruição?

Transformemos nossas lâmpadas em vela. Pergunto por que precisamos de tanta luz? O que temos medo de enxergar no escuro?

A luz da razão, apenas mais um meio de controle.

Lutemos para que a luz que nos ilumina não nos cegue. Apaguemos essa luz que não nos deixa enxergar. E então, nessa escuridão da fábrica, possamos ver uma outra imagem.

Num exercício de imaginação – o que mais seria a utopia se não isso? – a luz a se extinguir apaga o controle ficcional das nossas vidas, cria um momento de suspensão onde se pode ser diferente – sem luz, sem a energia, as esteiras da máquina param. De certa forma é que se fossemos instantaneamente, mesmo que momentaneamente libertos dessa máquina matriz que rege nossas vidas, seríamos arrancados de nossas certezas de futuro. Temos aí um furo na continuidade, e aí residiria o gozo da falha. Na escuridão, figura e fundo se embaralham. Um lembrete de Cao Fei de que luz em demasia pode nos tornar insensíveis, terminando por cegar-nos.

Um lembrete de que a escuridão se faz necessária para perdermos os contornos e, assim, as certezas já institucionalizadas – perda essencial para o advento do novo. O manto do mais do mesmo se tornando esburacado. Um quê de contorno impreciso tal qual a imagem do eu na escuridão. E quem diria: a utopia encontrada na falta de luz.

Um anjo...

Nesse mergulho na escuridão, ironicamente, talvez possamos enxergar melhor, enxergar aquilo que nossos olhos já acostumados com a luz não permitiriam. Encontro-me novamente com a bailarina. Ela erra por entre o maquinário e, de alguma forma, sua errância, essa dança não burocratizada, me ensina que é mais fácil se perder (e posteriormente se encontrar) no escuro. Percebo nesse momento que somos iguais, enquanto ela erra por entre as máquinas de uma fábrica, me leva junto: eu erro pela obra de Cao Fei. O anjo da história bate suas asas no presente.

Ali, nessa dança, se junta a nós um senhor. Seus passos tortos, numa nova ironia, me guiam. Percebo que nessa máquina perfeita, onde não há espaço para as falhas, espaço para o erro, não há espaço para a invenção. Os corpos, que antes compunham o fundo para a figura da maquinaria, agora tomam o primeiro plano, passam a figura graças aos contornos rasurados pela escuridão de suas danças. Os holofotes estão encaixotados.

Ele é um guia, ela é um anjo. O anjo da história retorna? Não sei, mas seus passos exprimem inexatidão. “A imaginação exige liberdade e imprecisão, portanto precisa de sujeitos inexatos” (SOUSA, 2007, p. 45). Seus movimentos podem ser ignorados pelos trabalhadores a sua volta, seu próprio corpo precisa se render, precisa sobreviver, precisa

voltar ao trabalho da esteira, mas enquanto pode, por entre as máquinas precisas, ele grita: “Eu dança enquanto meu corpo monta caixas. Eu sonho!”

...que sonha

De quem é este corpo que dança?

Sabemos que uma das formas mais tirânicas do controle é instituir uma homogeneização das formas. Tal controle, para se sustentar, precisa buscar sua legitimação em alguma racionalidade. São muitos os artifícios de controle e nem sempre completamente visíveis. Vestir um funcionamento com a roupagem da razão é como levar ao forno uma peça de argila. O moldável se paralisa, se petrifica e a única chave que temos de transformá-lo é mesmo jogá-lo ao chão para que se quebre (SOUSA, 2007, p. 24-25).

Que sonhos querem que sonhemos?

São sonhos do qual a máquina se alimenta. A burocratização do amanhã é uma forma de dominar a esperança, dominar o sonho. Para SOUSA (2007, p. 39), ERNEST BLOCH mostrou que a utopia se anestesia quando o que foi suplanta o que está por vir, uma vez que a “aglomeração das coisas havidas obstrui totalmente as categorias de futuro”. Então que se acumulem as caixas na esteira. Não encaixotemos os holofotes que podem nos iluminar. Não encaixotemos os holofotes que podem fazer com que enxerguemos os anjos que dançam dentre nós. As engrenagens que esperem a realização de seus sonhos. Dançando tortamente lhe digo que de meus sonhos já não mais se alimenta, “pois a utopia, muito mais do que uma enunciação positiva de um desejo levado a termo, aponta para o que fica interrompido nesse processo (SOUSA, 2007, p. 40). Pois que se interrompa a via expressa, se interrompa as esteiras, se interrompam as engrenagens. Meus próprios sonhos já estão cansados de esperar o sempre adiado amanhã. E por isso danço. E por isso paro.

O corpo que decide parar

Terceira parte do vídeo. Seres humanos passam ao primeiro plano. Seus olhares nos interpelam. “Eu sou você”. As esteiras impiedosas continuam, mas as pessoas param. O que Cao Fei fez? Com a arte, tão somente vira a lógica do avesso. Nessa obra de arte, um ponto cego entre o outdoor e as ruínas do passado, entre o outdoor e o abismo do futuro é

visualizado. A burocratização do amanhã é levada a incerteza. Enquanto paramos, pensamos, resistimos, respiramos. O oxigênio e o tempo necessários para criar ferrugem. Sim, joguemos ferrugem nas engrenagens perfeitas do maquinário.

Gérmen do nosso amanhã, do amanhã da incerteza. Gérmen do amanhã impreciso. “A vida é inexata. Cada vez que insistimos em respondermos a ela com exatidão, sacrificamos algo essencial” (SOUSA, 2007, p. 44). Assim:

Nada de tudo isso é um cachimbo; mas um texto que simula um texto; um desenho de um cachimbo que simula o desenho de um cachimbo; um cachimbo (desenhado como se não fosse um desenho) que é o simulacro de um cachimbo (desenhado à maneira de um cachimbo que não seria, ele próprio, um desenho) (FOUCAULT, 1988, p. 24).

Por isso aqui passos propositalmente imprecisos, propositalmente incertos para a esse “ensaio” da dança da vida. “A imaginação exige liberdade e imprecisão, portanto precisa de sujeitos inexatos” (SOUSA, 2007, p. 45). Por isso eu danço, por isso eu paro, por isso o que você vê aqui leitor não é um trabalho de conclusão de curso.

Tudo isso aqui não é um cachimbo. Antes é quase-arte, assim quase-trabalho de conclusão de curso. Pois o quase é a própria utopia. O quase é o caminhar apesar de tudo, é o meu testemunho da obra, mas antes o testemunho desses futuros que não são apenas sonhos se continuarmos a testemunhá-los e reencontrarmos, podendo reaprender a ler nossas próprias lâmpadas, talvez até literalmente (já reparou qual a fábrica responsável pelas lâmpadas da sua sala de estar?).

Isso é um quase-cachimbo. Somos ensaio sempre em cartaz no palco da vida. Nessa vida de um amanhã burocratizado talvez ainda não seja possível fugir completamente da via expressa, mas que possamos parar para ao outdoor, pichá-lo, incomodando o tráfego da via de mão única.

A utopia circunscreve um território de crise. Temos que pensar a crise como valor positivo na medida que produz uma fratura do presente. Pois as formas burocratizadas de hoje aniquilam fundamentalmente o tempo. A crise busca recuperar esse tempo – para isso, encara o

amanhã como um trabalho sempre a ser feito e na convicção plena do inacabado de cada enunciado e formulação (SOUSA, 2007, p. 32- 33)

Aqui, o inacabado. E talvez com isso, aqui eu fracasse, mas que seja o fracasso essencial que continua a alimentar meus sonhos. E que sempre haja lacunas nas certezas para que possamos enxergar, talvez a luz de velas os anjos que dançam dentre nós. E assim como FOUCAULT, “depois abrir, de uma vez só, de maneira que o caligrama se decomponha imediatamente e desapareça, deixando como rastro apenas seu próprio vazio (FOUCAULT, 1988, p. 27).

E que depois que tudo desapareça, ao encerrar essas páginas já tão metaforizadas. Que não seja mais nada, ou melhor, que sejam apenas os buracos que restarem aos meus interlocutores.

Aqui, a plena noção de um trabalho inacabado, eternamente inacabado. Aqui, como SOUSA (2007, p. 30), “penso a utopia dentro de uma perspectiva do inacabado e de permanente reinvenção”.

Os 10 infinitos primeiros minutos que compõe a primeira parte da obra de Cao Fei capturam. Ou melhor, me capturaram. Talvez eu seja aquele tubo de vidro produzido pelas esteiras do maquinário e seu tempo, mas talvez também algo há de se poder fazer como isso: proponho-me tubo de ensaio.

Existe algo de humano que ainda pulsa, existe um tempo de parada, existe um tempo de respiro, existe um tempo para gerar ferrugem:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

9º Bienal do MERCOSUL. Disponível em:

<<http://9bienalmercosul.art.br/pt/participante/19/>> Acesso em 20 de março de 2014.

BARBANTI, R. **L’art technocyber: La dérive technicienne de l’esprit utopique dans l’art Du XXe. Siécle. L’utopie à l’époque de l’ultramedialité.** In: BARBANTI, R. (org). *L’art au XX siècle et l’utopie*, L’Harmattan, Paris, 2000.

BARTUCCI, G. (Org). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BENJAMIN, W. **O Anjo da História.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única.** In: _____. *Obras escolhidas II.* São Paulo: Brasiliense, 2007.

BLOCH, E. **O princípio Esperança.** Rio de Janeiro: Contraponto Ed., UERJ, 2000.

CIORAN, E. **História e Utopia.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

COELHO, T. **O que é utopia.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que nos vemos o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDIER, WEIL, A. **O artista e o psicanalista questionados um pelo outro.** In: *Nota Azul – Freud, Lacan e a Arte*, Contracapa, RJ, 1997.

DUCHAMP, M. **“O ato criador”.** In: BATTOCOCK, Gregory. *A nova arte*, São Paulo, Perspectiva, 1975.

FEI, C. **Whose Utopia.** [Filme-vídeo]. 20 min. China. Disponível em: <<http://vimeo.com/76026916>> Acesso em: 17 de abril de 2014.

FREUD, S. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1988.

FRAYZE-PREREIRA, J. A. **Arte, Dor – Inquietudes entre Estética e Psicanálise.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (Org). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

IRIBARRY, I. N. **O que é pesquisa psicanalítica?** *Ágora*. v. VI n. 1 p. 115-138 (Publicação CCHN/PPGHIS- UFES, *Print version* ISSN 1980 0096) jan/jun, 2003.

JACOBY, Russell. **Imagem Imperfeita – Pensamento Utópico para uma época antiutópica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the future – the desire called Utopia**. New York: Verso, 2005.

MORUS, T. **A Utopia**. 7. ed. Trad. J. Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

PEREIRA, R. **Litoral, sintoma, encontro – quase ensaio**. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – Narrar construir interpretar. Porto Alegre: APPOA, n.30, junho de 2006, p. 53-68.

RIBEIRO, M. **A Obra de Arte**. [Filme]. Produção e direção de Marcos Ribeiro. Brasil. DVD/NTSC. 71 min. Color. Son.

RIVERA, T. **Arte e Psicanálise – Psicanálise Passo-a-Passo** 13. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SIMONI, A. C. R. & RICKES, S. M. **Do (Des)Encontro como Método**. Currículo sem Fronteiras, vol. 8, n. 2, p. 97-113, Jul/Dez 2008.

SOUSA, E. L. de. **A Burocratização do Amanhã**. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V. 14, nº 24, maio 2008, p. 41-51, Porto Alegre.

SOUSA, E. L. de; TESSLER, E.; SLAVUTZKU, A. **A Invenção da Vida: Arte e Psicanálise**, Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 2001.

SOUSA, E. L. de. **A Transgressão que Salva**. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 17(3-Suppl.), 787-796, set. 2014. Disponível em:

<[http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-volume-17-numero-3-\(suplemento\)-setembro-de-2014-630](http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-volume-17-numero-3-(suplemento)-setembro-de-2014-630)> Acesso em: 1º de dezembro de 2014.

SOUSA, E. L. de. **Escrita das utopias: litoral, literal, litoral**. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 31, pp. 48-60, 2006.

SOUSA, E. L. de. **Uma Invenção da Utopia**. São Paulo: Editora Lumme Editor, 2007.

_____. **Entre o mesmo e o duplo, inscreve-se a alteridade. Psicanálise freudiana e escritura borgiana**. In: Bartucci, G. (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.